

Os Primeiros Livros Portugueses sobre Contabilidade – Comentários ao artigo do Professor Doutor Esteban Hernandez Esteve sob o título “*Um Tratado Espanhol de 1706 sobre a Contabilidade por Partidas Dobradas: Norte Mercantil y Crisol de Cuentas*” por Gabriel de Souza Brito”¹

Joaquim Fernando da Cunha Guimarães

Maiο de 2007

Revista Electrónica INFOCONTAB n.º 21, de Junho de 2007, pp. 27

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu na sequência de um comentário extremamente simpático, o qual publicamente agradecemos, efectuado pelo Professor Honorário da Universidade Autónoma de Madrid e Presidente da Comissão de História da Contabilidade da Asociación Española de Contabilidad y Administración (AECA), Esteban Hernandez Esteve (EHE), ao nosso livro “História da Contabilidade em Portugal – Reflexões e Homenagens” (Ed. Áreas Editores, Janeiro de 2005), sob o título “COMENTARIOS SOBRE EL LIBRO DE JOAQUIM CUNHA GUIMARÃES: *HISTÓRIA DA CONTABILIDADE EM PORTUGAL. REFLEXÕES E HOMENAGENS*, BRAGA: ÁREAS EDITORA, S.A., 2005, 568 PÁGS.”, publicado na primeira revista electrónica de História da Contabilidade a nível mundial² "De Computis" (www.decomputis.org), Revista Española de Historia de la Contabilidad, surgida no âmbito daquela Comissão da AECA, e também disponível no nosso Portal INFOCONTAB em www.infocontab.com.pt (menu “Actividades Pessoais/Livros”).

¹ O texto original em inglês, publicado na revista *Accounting and Business Research*, Autumm, 1985, sob o título “A Spanish Treatise of 1706 on Double-Entry Bookkeeping ‘Norte Mercantil y Crisol de Cuentas’ by Gabriel de Souza Brito”, bem como a tradução em português efectuada pela minha colaboradora-estagiária, Marianela Filipa Gonçalves do Rêgo, com revisão da Mestre, Delfina Rocha Gomes (Docente da Universidade do Minho) e eu próprio constam como anexos a este artigo (APÊNDICE N.º 1).

² Referência extraída do próprio site da revista.

Assim, neste artigo destacamos, essencialmente, alguns dos comentários de EHE ínsitos naquele texto, particularmente, sobre o artigo intitulado “Os Primeiros Livros Portugueses de Contabilidade”³, que, pela sua importância, constituem mais um contributo para a “História dos Primeiros Livros Portugueses de Contabilidade”.

Neste breve apontamento pretendemos, primeiramente, sublinhar os relevantes contributos do Professor EHE para o desenvolvimento e reconhecimento internacional da História da Contabilidade Portuguesa⁴.

Em segundo lugar, efectuamos alguns comentários adicionais a nossos artigos anteriores, nomeadamente o constante naquele livro, em função da leitura do artigo do Professor EHE em título.

Por último, desenvolvemos mais alguns factos extraídos de alguma literatura portuguesa de contabilidade que ajudam a construir o *puzzle* da “História dos Primeiros Livros Portugueses de Contabilidade” e, obviamente, da História da Contabilidade em Portugal.

1. CONTRIBUTOS DO PROFESSOR ESTEBAN PARA A HISTÓRIA DA CONTABILIDADE EM PORTUGAL

O Professor EHE, com o qual temos tido o grato prazer de manter alguns contactos pessoais em congressos nacionais e internacionais de contabilidade, tem sido, efectivamente, um grande impulsionador e dinamizador da investigação em história da contabilidade mundial e, particularmente, em Portugal, através, nomeadamente, da apresentação de comunicações em alguns congressos organizados pelos Institutos Superiores de Contabilidade e Administração (ISCA's) e em jornadas de História da Contabilidade organizadas pelo Centro de Estudos de História da Contabilidade (CEHC)

³ Publicado no nosso livro *História da Contabilidade em Portugal – Reflexões e Homenagens*, ob. cit., pp. 509-32, também disponível no nosso *Portal INFOCONTAB* (menu “Actividades Pessoais/Artigos (download)/Por Título/N.º 201”). Além desse artigo, o livro contém um outro intitulado “Os Primeiros Livros Portugueses de Contabilidade – Uma Análise a três Livros de Aritmética”, pp. 533-46, também disponível no *Portal INFOCONTAB* (menu “Actividades Pessoais/Artigos (Download)/Por Título/N.º 155”).

⁴ É justo também referir o nome, Jorge Tua Pereda, Professor Catedrático da Universidade Autónoma de Madrid e co-editor com EHE da referida revista “De Computis” que também tem abrilhantado congressos e jornadas realizados em Portugal, nomeadamente alguns promovidos pelos Institutos Superiores de Contabilidade (Jornadas de Contabilidade dos ISCA's) e pelo Centro de Estudos de História da Contabilidade (CEHC) da APOTEC. Além disso, o Professor Tua Pereda tem leccionado em Mestrados de Contabilidade, nomeadamente, na Universidade do Minho e na Universidade de Aveiro.

da APOTEC. Ainda no âmbito do CEHC tem tido uma intervenção histórica permanente como sublinhou Manuel Rodrigues Benavente⁵:

“Entretanto em Fevereiro de 1995 o “Jornal de Contabilidade” começa a publicar artigos de Manuel Benavente Rodrigues sobre História da Contabilidade. E nos meses seguintes, pensa-se então em criar um órgão ou uma secção que dentro da APOTEC se dedique ao estudo da História da Contabilidade. O Presidente Manuel Patuleia apoia a ideia e como entretanto se tem conhecimento que em Espanha a História da Contabilidade está já muito desenvolvida, em Setembro desloca-se a Sevilha ao VIII Congresso AECA-Asociacion Española de Contabilidad e Administracion, uma comitiva da APOTEC, constituída pelo Presidente da APOTEC, Manuel Patuleia, pelo membro da Direcção Central, Manuel Benavente Rodrigues, e pelo Director do Jornal de Contabilidade, Severo Praxedes Soares. Esta ida a Espanha e os contactos que proporciona, irão ser de extrema importância nos primeiros passos do Centro de Estudos de História da Contabilidade. E. José Manuel Matos Carvalho ao tempo Presidente do ISCA de Coimbra e interlocutor e amigo de alguns investigadores espanhóis, foi também uma peça fundamental em Sevilha, ao pôr a delegação da APOTEC em contacto com vários investigadores, entre os quais, o Professor Esteban Hernandez Esteve e o Professor Fernando Martin Lamouroux, este recentemente falecido. E é Esteban Hernandez que convence Manuel Benavente Rodrigues a fazer uma comunicação ao 7º Congresso Mundial de Historiadores de Contabilidade, o qual se realizará no ano seguinte no Canadá. É de toda a justiça evidenciar aqui o nome de Esteban Hernandez Esteve- investigador de excelência e homem de grande dimensão humana-, como o grande responsável pela aceitação internacional do Centro de Estudos. (sublinhado nosso).

2. COMENTÁRIOS DO PROFESSOR ESTEBAN A NOSSO LIVRO

Na verdade, EHE comentou praticamente, praticamente um a um, os artigos incluídos no nosso livro em referência, o que consideramos uma distinção que, obviamente, agradecemos e, com este breve apontamento, pretendemos modestamente retribuir.

⁵ MANUEL RODRIGUES BENAVENTE: “Centro de Estudos de História da Contabilidade – 1996-2002”, comunicação na 3.ª Conferência Internacional da Revista Accounting History, realizada nos dias 17, 18 e 19 de Setembro de 2003, em Siena (Itália), organizada pela University of Siena and Business, disponível no nosso Portal INFOCONTAB no menu “Contabilidade/História/CEHC da APOTEC”.

Sobre o artigo em referência e relativamente ao livro de Gabriel de Souza Brito, EHE comentou:

“Se hace referencia también en este trabajo al libro de Gabriel de Souza Brito: Norte Mercantil y Crisol de Cuentas, publicado en Amsterdam en 1706, indicando en pie de página que yo le había hablado de este libro a Joaquim Cunha Guimarães. A este respecto le quiero ampliar la información y puntualizar que el libro está escrito en español, y no en portugués, como entre otros había comentado el admirado maestro y amigo Basil S. Yamey, que yo localicé una segunda edición del mismo, hecha por el hijo del autor, en la que aquél se limita a reimprimir la primera edición, según propia confesión, y que el libro es un plagio de dos obras españolas anteriores. Se podrá encontrar información puntual al respecto en mi artículo: “A Spanish Treatise of 1706 on double-entry bookkeeping: 'Norte Mercantil y Crisol de Cuentas' by Gabriel de Souza Brito”, publicado en Accounting and Business Research, núm. 60, 1985. Sea como fuere, debo indicar siempre me ha parecido increíble que hasta el año 1758 no se publicara en Portugal un tratado sobre contabilidad, siendo como fue esta nación durante el siglo XVI-época de expansión y divulgación de la partida doble- una potencia comercial de primer orden, con un extenso imperio colonial basado, fundamentalmente, en el intercambio de mercaderías. Será así, si no existe evidencia de lo contrario, pero no me sorprendería que cualquier día se hiciera algún hallazgo sensacional a este respecto.

Bien, para finalizar este comentario, diré que el libro objeto del mismo es digno de atención porque ofrece, recopiladas, multitud de información y reflexiones sobre diversos aspectos de la historia de la contabilidad portuguesa que estimo de gran interés y, que sin embargo, no son demasiado conocidas por los especialistas españoles y, no digamos, por los ajenos a la Península Ibérica.”. (sublinhado nosso).

Foi este comentário, e em especial as frases sublinhadas, que nos motivaram para enviar um e-mail a EHE solicitando-lhe o envio do artigo em referência, cuja gentileza também agradecemos.

3. OS PRIMEIROS LIVROS PORTUGUESES SOBRE CONTABILIDADE

No nosso artigo em apreciação, com o título supra, e com base nas fontes secundárias disponíveis, elaborámos dois quadros descritivos dos livros publicados nos séculos XVIII e XIX.

Posteriormente, actualizámos esses dois quadros, os quais foram incluídos num outro artigo com o mesmo título e o sub-título “Comentários às referências à Literatura Portuguesa de Contabilidade pelo Professor Doutor António Lopes de Sá no seu livro “A Evolução da Contabilidade”, Ed. Thomson, São Paulo, 1.^a Edição – Junho de 2006, pp.140-41”⁶, tendo resultado, essencialmente, de investigação ulterior sobre o que é considerado o segundo livro português mais antigo sob o título “Tratado sobre as partidas Dobradas”⁷.

Na “Introdução” do primeiro artigo referimos⁸:

“Apesar das fontes consultadas indiciarem que esses dois livros são os mais antigos na área contabilística, constatamos a existência de um outro livro ainda mais antigo, de 1706, com o título “Norte Mercantil e crisol de contas dividido em três livros, nos quais se tratam por modos muitos fáceis... e a declaração do livro de caixa e seu manual de contas de Mercadores”, da autoria de Gabriel de Sousa (ou Souza) Brito, que era um judeu português, mas que, de acordo com a nossa investigação, não há certeza de que o livro tenha sido escrito em português, cuja confirmação guardamos para trabalho futuro.”.

Nesse mesmo artigo incluímos um capítulo sob o título “5 - NORTE MERCANTIL E CRISOL DE CONTAS DIVIDIDO EM TRÊS LIVROS, ...” DE GABRIEL DE SOUSA BRITO (1706)”, que, pela sua importância, incluímos na íntegra neste artigo (APÊNDICE N.º 2).

Assim, incluímos neste trabalho (APÊNDICE N.º 3) o quadro actualizado relativo aos livros do século XVIII.

⁶ Disponível para download no nosso *Portal INFOCONTAB* nos menus “Revista Electrónica INFOCONTAB n.º 12, de Setembro de 2006” e “Actividades Pessoais/Artigos (download)/Por Título/N.º 201”.

⁷ Quer no artigo do livro quer neste último destacamos a importância deste livro para a literatura portuguesa da contabilidade.

⁸ *História da Contabilidade em Portugal – Reflexões e Homenagens*, ob. cit., p. 509.

4. O ARTIGO DO PROFESSOR ESTEBAN

Passando agora à análise do artigo de EHE, o qual desconhecíamos⁹ e que, repetimos, foi-nos gentilmente cedido pelo Professor, diremos, em primeiro lugar, que o mesmo é, sem dúvida, uma homenagem à literatura portuguesa e, obviamente, espanhola, dos séculos XVI, XVII e XVIII, pois, além das referências específicas aos livros espanhóis, as constantes referências a Portugal devem ser interpretadas dessa forma.

Na verdade, repetimos, sendo EHE um dos principais investigadores mundiais em História da Contabilidade, é óbvio que o seu capital intelectual nessa área constitui, à partida, uma segurança para os investigadores nesta maravilhosa e apaixonante área da Contabilidade, pese embora as limitações óbvias sublinhadas por EHE.

Neste contexto, neste capítulo apenas pretendemos destacar no quadro junto (APÊNDICE N.º 4) alguns dos preciosos comentários de EHE à obra de Gabriel de Souza Brito.

5. OUTRAS REFERÊNCIAS (OU NÃO) AO LIVRO DE GABRIEL SOUZA BRITO

Neste capítulo efectuamos algumas referências a outros autores portugueses que se referiram (ou não) ao livro em análise.

EHE refere-se no artigo em comentário a Fernando Vieira Gonçalves da Silva nos seguintes termos:

“O académico português Fernando V. Gonçalves da Silva, também publicou um artigo no qual dá alguma informação sobre Souza e faz alguns comentários ao facto de ser usual naquela altura os Portugueses terem conhecimentos da língua castelhana, e que isso é particularmente verdade para os judeus, uma vez que a maior parte tinha vindo de Espanha para onde tinham emigrado após a expulsão decretada pelos reis espanhóis Isabel e Fernando. Não é surpreendente, pois, que um português judeu tenha escrito os seus livros em Castelhana e os tenha publicado na Holanda, para onde muitos dos seus conterrâneos emigraram mais tarde, depois de Portugal ter sido incorporado sobre o domínio de Filipe II.”

⁹ De notar que no rodapé n.º 46, p. 530, do nosso livro *História da Contabilidade em Portugal – Reflexões e Homenagens*, ob. cit., (ver APÊNDICE N.º 2 deste artigo), o nosso colega, José Lampreia, alertou-nos para a existência do livro de Gabriel de Souza Brito, de acordo com informação que, também, lhe foi fornecida por EHE.

No rodapé n.º 21 do artigo é referido¹⁰:

*“Fernando V. Gonçalves da Silva “Um livro espanhol de autor português”
Revista de Contabilidade e Comercio, secção de “Curiosidades e Velharias”,
vol. XXIII, pp. 294-7.”.*

De notar que no nosso artigo em análise (APÊNDICE N.º 3) não efectuámos essa referência.

Face a essa mesma indicação e especialmente a relativa a “curiosidades e velharias” seria de admitir que a mesma fosse incluída no livro de Fernando Vieira Gonçalves da Silva, sob o título “Curiosidades, Velharias e Miudezas Contabilísticas”, Editorial Império, Lda, Lisboa, 1970, o que, efectivamente, não se verifica¹¹.

Também o outro grande Mestre da Contabilidade do século passado, Jaime Lopes Amorim, nas suas duas principais obras com referências à História da Contabilidade em Portugal¹², não efectua qualquer descrição da obra de Gabriel de Souza Brito.

Relativamente às referências bibliográficas¹³ que serviram de base à elaboração do nosso artigo em causa e os respectivos quadros, com especial destaque para a mais desenvolvida, da autoria de Everard Martins, confirmamos, também, que nenhuma delas se refere ao livro de Gabriel de Souza Brito.

O Jornal de Contabilidade da APOTEC n.º 39, de Junho de 1980, p. 138, em artigo sob o título “Recordando Raul Dória”, de autor não identificado, sublinha:

*“A literatura contabilística portuguesa só surgiu no século XVIII,
nomeadamente com as obras de Gabriel de Sousa Brito (1706), Norte
Mercantil e crisol de contas..., de João Baptista Bonavie (1758), Mercador
exacto nos seus livros de contas, ou methodo fácil para qualquer mercador...”*

¹⁰ Em consulta à revista (n.º 91, de 1955) verificamos a inexistência desta referência, pelo que é possível que EHE se tenha baseado noutra referência, o que tentaremos esclarecer em e-mail dirigido ao Professor, cuja resposta aguardamos.

¹¹ Dado que este livro é uma compilação de diversas reflexões de Gonçalves da Silva, com o título indicado, não entendemos o porquê de essa referência não constar do livro.

¹² JAIME LOPES AMORIM, *Lições de Contabilidade Geral*, Volume I, Ed. Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda, Porto, 1929 e *Digressão Através do Vetusto Mundo da Contabilidade*, Ed. Livraria Avis, Porto, 1968.

¹³ São as seguintes:

- EVERARD MARTINS, Ensaio de Bibliografia Portuguesa de Contabilidade, *Revista de Contabilidade e Comercio* n.º 47-48, Ano XII, pp. 260-278;
- ARNALDO NUNES, Elementos para a História da Contabilidade, *Revista de Contabilidade e Comercio* n.º 4, Ano I, Vol. I de 1933, pp. 279-82 e n.º 8, Ano II, 1934, pp. 361-3.
- JOSÉ H. GARCIA, Apontamentos para a Bibliografia da Contabilidade Portuguesa – I – Escrituração Agrícola, *Revista de Contabilidade e Comercio* n.º 7, Ano II, 1934, pp. 263-8.

pelos princípios das Partidas dobradas, e a de autor anónimo, que Vlaemminck diz supor-se ser um religioso com apelido de Carvalho, que em 1764 editou em Turim um livro intitulado Tratado sobre as partidas dobradas.”.

Entretanto, António Lopes de Sá, num dos seus livros mais recentes¹⁴, sublinhou:

“Há referência histórica a um livro de Gabriel de Sousa Brito, editado em 1706, com matéria alusiva a registros de Caixa, mas como muitas dúvidas pairam sobre a questão, prefere o insigne historiador Professor Joaquim Fernando da Cunha Guimarães, em sua obra História da Contabilidade em Portugal. Lisboa: Áreas, 2005, p. 529, aceitar Bonavie como autor do primeiro livro editado em Português.”.

6. CONCLUSÕES

O artigo de EHE esclarece que Gabriel de Souza Brito era um judeu-português de descendência espanhola, e que o seu livro em apreciação foi escrito em castelhano, apesar de o mesmo ter escrito outros livros em português os quais não abordam matérias contabilísticas.

Em nossos artigos anteriores, referidos neste trabalho, incluí um quadro-resumo (APÊNDICE N.º 3) dos livros publicados no século XVIII (até à data apenas foram publicados cinco), do qual se depreende que o primeiro livro data de 1758 da autoria de João Baptista Bonavie, sob o título “Mercador exacto nos seus livros de contas, ou methodo fácil para qualquer mercador, e outros arrumarem as suas contas com a clareza necessária, com seu Diário, pelos princípios das Partidas dobradas, segundo a determinação de Sua Majestade, etc. – Parte I”.

O artigo de EHE vem, afinal, confirmar que o livro de Bonavie é, efectivamente, o mais antigo redigido em português, pois o livro de Gabriel de Souza Brito foi escrito em castelhano.

No entanto, de acordo com o veredicto de EHE podemos afirmar que Gabriel de Souza Brito foi o primeiro português a publicar um livro sobre contabilidade por partidas dobradas, i.e., o livro em comentário redigido em Castelhana.

¹⁴ ANTÓNIO LOPES DE SÁ, *A Evolução da Contabilidade*, Ed. Thomson, São Paulo, 1.ª Edição – Junho de 2006, pp.140-1. Esta referência é posterior à publicação do nosso livro.

Um Tratado Espanhol de 1706 sobre a Contabilidade por Partidas Dobradas: “Norte Mercantil y Crisol de Cuentas” por Gabriel de Souza Brito

Esteban Hernandez Esteve

Obs: Traduzido por Marianela Filipa Gonçalves do Rêgo e revisto por Delfina Rocha Gomes e Joaquim Fernando da Cunha Guimarães.

Introdução

Existem poucos livros antigos em Espanhol sobre contabilidade de partidas dobradas, ao contrário do variado número de livros de contabilidade que são preservados em Espanha em diversos arquivos e que aos poucos têm sido trazidos a público por historiadores da contabilidade. O pequeno número de livros antigos sobre contabilidade não está de acordo com as interessantes inovações ocorridas nesta matéria em Espanha, no início do período moderno.¹

O facto é que apenas dois livros relacionados expressamente com a contabilidade foram publicados em Espanha, no séc. XVI e um deles (por Rocha) é uma tradução que não se relaciona directamente com as partidas dobradas, mas é apenas uma versão incompleta

¹ O importante papel que Espanha tem desempenhado neste processo de introdução e disseminação da contabilidade de partidas dobradas foi claramente reconhecido por Raymond de Roover, que foi sem dúvida, um dos mais distinguidos historiadores da contabilidade e um dos que mais impulsionou o estudo desta matéria. De facto, de Roover era da opinião que seria perfeitamente inútil tentar empreender um estudo geral sobre as origens e primeiros anos da contabilidade de partidas dobradas, enquanto houvesse tão pouca informação sobre esta matéria nas duas economias líderes no séc. XVI: Espanha e Portugal. Veja o seu “Aux Origines d’une technique intellectuelle: la formation et expansion de la comptabilité à partie double”-Annales d’Histoire Economique et Sociale. Vol.9, 1937, p.296.

Poucos anos mais tarde, em 1955, Henri Lapeyre confirmou esta avaliação, dizendo que existe um capítulo na história da contabilidade que permanece na sombra, pelo menos para a Península Ibérica. No que respeita a Portugal, disse ele, estavam imersos na mais absoluta escuridão, enquanto em Espanha a informação disponível pouco mais era que uma simples menção de um livro de Antich Rocha. Veja *Une famille de marchands: les Ruiz*, Paris, 1955, p.342.

Desde então, é verdade que mais alguma luz se tem feito sentir sobre o assunto, mas basicamente a situação não evoluiu substancialmente. Logo, pode dizer-se que a história das origens e primórdios da contabilidade moderna em Espanha está apenas a emergir.

dum método conhecido como o “sistema de factores”². Um terceiro livro contém um capítulo sobre contabilidade para “homens nobres”³, uma matéria também abordada num manuscrito escrito, ao que parece, na sua 1ª versão, por volta de 1535, por ordens do Imperador Carlos V, o qual permaneceu sem ser publicado até 1870.⁴

É verdade que, em Espanha, durante o séc. XVI, muitos outros livros abordaram de passagem e de forma mais ou menos extensiva, alguns aspectos relativos à contabilidade ou a outros conceitos relacionados com o tema, em especial no que respeita aos problemas jurídicos referentes aos livros de contas e, principalmente, ao seu valor provatório e os requisitos que os mesmos tinham de cumprir.

Apesar de todos estes trabalhos sobre história da contabilidade serem interessantes para os historiadores da contabilidade e não poderem ser desprezados, eles não constituem verdadeiros tratados de contabilidade nem contêm quaisquer referências a aspectos técnicos da contabilidade.⁵

No séc. XVII, a lista de publicações é ainda mais curta. No início do século, encontramos um pequeno trabalho de apenas quatro fôlios, sem nenhuma indicação do lugar ou data de publicação. Este livro, por Salavret, refere, expressamente, matérias contabilísticas, expondo os dois sistemas de registo contabilístico que existiam na altura: o *libro común* ou *pliego horadado* (livro comum ou de folhas soltas) e o *libro de*

² O primeiro livro que apareceu em Espanha, relacionado expressamente com contabilidade foi um publicado por Antich Rocha, em Barcelona em 1565: *Compendio y breve instruccion por tener libros de cuenta ,deudas y de mercaderia, muy provechoso para mercaderes y toda a gente de negocio, traducido de frances en castellano*”. Era, de facto, a simples tradução de Valentin Mennher : *Practique brief pour cyfrer et tenir livres de compte touchant le principal train de merchandises*, publicado em Bruxelas em 1550.

O primeiro tratado original de partidas dobradas escrito por um espanhol, Bartolomé Salvador de Solórzano, foi o *Libro de caja y manual de cuentas de mercaderes y otras personas com la declaracion dellos, Compuesto por natural de Medina de Rioseco*, Madrid, 1590. Apresentei alguma informação sobre a vida do autor no meu “*Tras las huellas de Bartolomé Salvador de Solórzano, autor del primer tratado español de contabilidad por partida doble*” (Madrid, 1590), *Relato de una investigación com algunas noticias sobre su vida y consideraciones acerca del contexto histórico-contable en que apareció su obra*, *Revista de Derecho Mercantil*, nº167-168, Janeiro-Junho, 1983.

Em geral, informação adicional sobre estes dois trabalhos assim como de outras matérias relacionadas com a história da contabilidade em Espanha podem ser encontradas no meu livro *Contribución al estudio de la historiografía contable en España*, Madrid, 1981.

³ Gaspar de Texeda, *Summa de arithmetica practica y de todas mercaderias com la horden de contadores*, Valladolid, 1546.

⁴ Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdês, *Libro de la cámara real del príncipe don Juan*, 1870.

⁵ O mais importante destes livros é o livro escrito por Diego Del Castillo: *Tratado de Cuentas hecho por el licenciado...natural de la ciudad de Molin*, Burgos, 1522. Outro importante trabalho que se relaciona com livros de contabilidade num capítulo na secção de “ Banks and Merchants ” é Bartolomé de Albornoz, *Arte de Los contractos*, Valencia, 1573. Além destes trabalhos, há uma extensa colecção de livros jurídicos espanhóis do séc. XVI que tratam de passagem de contas e livros de contabilidade. Estão referidos na minha “*Contribución al estudio....*” *Op.cit*

Caja (livro Razão) i.e, de partidas dobradas.⁶ Sabemos, além disso, de diversos manuscritos que se referem, na maioria dos casos abreviadamente, a estes sistemas de registo, sendo a maior parte relacionados com a contabilidade pública. Mas até 1697, quando o livro de Metz foi publicado em Amesterdão, não havia nenhum outro livro em língua espanhola voltado para o ensino da prática de partidas dobradas.⁷

Apesar de não serem tão numerosos como os do século passado, alguns livros publicados no século XVII relacionam-se com problemas jurídicos do mundo dos negócios e dedicando alguma atenção aos aspectos legais dos livros de contabilidade.⁸

A produção do séc. XVIII não é melhor. O livro em discussão neste artigo foi, pela primeira vez, publicado em 1706. O próximo tratado sobre partidas dobradas não apareceu até 1773. Foi repudiado pelo seu autor, Luque, que o publicou novamente, drasticamente corrigido e aumentado, em 1783.⁹

Consequentemente, entre o trabalho curto de Salavert, por volta de 1603, e o livro de Luque em 1773, nenhum trabalho escrito, de que se tenha conhecimento, em que sejam abordados os problemas teóricos e práticos da contabilidade apareceu em Espanha durante mais de um século e meio.

De facto, não podemos esquecer que, apesar de escritos em espanhol, os dois livros publicados respectivamente em 1697 e 1706 foram publicados em Amesterdão por um exilado ou descendentes de exilados.

⁶ Gabriel de Salavert, *Repuesta de Gabriel de Salavert cavallero catalan vezino de Barcelona a lo que le há preguntado el reyno acerca de las incommodidades del reyno nuestro señor y destes reynos*, sem local de publicação ou data, 4 fólhos (Royal Academy of History, Salazar collection, Vol. T-53). Foi publicado por volta de 1603.

Cerca de quatro anos depois, já que ninguém prestou atenção às suas ideias, Salavert expôs outra vez, noutra trabalho, semelhante ao primeiro, intitulado *Medio para que las personas de negocios naturales y otros inteligentes manifiestan por menor y en individuo lo que han trabajado y se les ofrece para reparo y remedio de las incommodidades del rey nuestro señor, y destes reynos. Dirigido a su Magestad. Por...cavallero catalan vezino de la ciudad de Barcelona*, sem local de publicação ou data, 4 fólhos não numerados (também catalogados na biblioteca da Royal Academy of History)

⁷ Jacob de Metz, *Sendero mercantil. Que contiene 240 Preguntas fundamentales com sus respuestas, para saber distinguir entre Debe y Ha de aver Y absolver en algunas ocasiones las Dudas, que se podran offrescer en assentar las partidas en el Manual para de ahi ser transportado, al Libro grande de Caxa. Hecho por Industria y Despeza de...* Amesterdão, 1697.

⁸ Os livros deste tipo mais importantes publicados por espanhóis durante o século XVII são: Francisco Muñoz de Escobar, *De ratiociniis administratorum et alliis variis computationibus tractatus*, Medina del Campo, 1603; e Juan de Hevia Bolaños, *Labyrintho de comercio terrestre y naval. Donde breve y compediosamente se trata de la mercancia y contratacion de tierra y mar*, Lima, 1617.

⁹ Luís de Luque y Leyva, *Arte de partida doble, dividido en tres partes*; Cádiz, 1773. A segunda edição, que foi corrigida, é intitulada *Arte de partida doble ilustrado, Methodo para anotar com toda claridad y especificacion en los libros de comercio, las cuentas y negocios pertenecientes a un escritorio* Cádiz, 1783.

O facto mais curioso é que durante aquele intervalo de 170 anos, a tradição contabilística castelhana foi perdida em Espanha - mas não nos livros publicados em Amesterdão – de tal forma que quando Luque publicou o seu primeiro tratado em 1773, a terminologia tradicional e até os nomes dos livros contabilísticos foram esquecidos e substituídos por termos franceses e expressões das quais o conceito de “partida dobrada” foi retirado, novamente; e esta nomenclatura melhorou os termos clássicos castelhanos de *debe e ha de haber* (débito e crédito) e *libro de caja con su Manual* (sistema Diário e Razão). De igual forma, o *Libro de Caja* é agora conhecido como *Mayor* (Razão) e o *Manual* é chamado Jornal ou Diário (*Jornal*).

Sebastián de Jócana y Madaria, o terceiro e último autor de contabilidade do século XVIII, estava perfeitamente ciente deste facto quando escreveu, em 1793, um livro notável que é essencial para o entendimento apropriado da evolução do conceito de contabilidade por partidas dobradas em Espanha.¹⁰

A falta de textos de contabilidade e publicações durante estes 170 anos deve ter coincido com um estado de apatia e estagnação no uso das partidas dobradas no comércio, mas não ao ponto da prática do sistema ter desaparecido completamente durante aquele período da história económica espanhola.¹¹

Livro de Souza: Fundamentos

Até agora, o conhecimento que tivemos do livro de Gabriel de Souza Brito *Norte mercantil y crisol de cuentas* foi pouco mais que a simples informação dada por Sebastián de Jócana y Madaria. Apesar de alguns índices biográficos mencionarem o livro e alguns historiadores de contabilidade se referirem a ele no seu trabalho, não parece que algum desses autores tenha tido acesso a uma cópia do livro. Consequentemente, eles não puderam fornecer nenhum esboço dos seus conteúdos. Jócana é muito parco nos seus comentários, nos quais revela falta de interesse. Ele

¹⁰ Sebastián de Jócana e Madaria, *Disertación crítica y apologética del arte de llevar cuenta y razón contra la opinión del barón de Bielfeld, acerca del arte en general y del método llamado de partidas dobles en particular*, Madrid, 1793.

¹¹ Jócana e Madaria ele próprio admite isto quando diz: “Apesar disto, como é difícil que algo que se tornou prática generalizada possa ser esquecido por todos, o método italiano manteve-se em Espanha durante o séc. XVII e início do séc. XVIII. Vi isto com um misto de prazer e pesar nos livros originais em que Gaspar Saenz de Viteri e Manuel de la Herrera mantiveram em Madrid As Contas da Administração do Rendimento de Lãs de Adrián António de Tournal desde 1698 até 1713”, *ibid*, p.92.

refere apenas que: “Um judeu chamado Souza Brito, quase copiou Solórzano e escreveu um tratado em castelhano que foi impresso em Amesterdão em 1706”.¹² Não diz mais nada acerca de Souza Brito, mas inclui o seu nome entre os nomes de Bartolomé Salvador de Solórzano e Luís de Luque y Leyba no apêndice, no qual lista os autores de trabalhos que abordam o “Método Italiano ou das partidas dobradas da contabilidade”, sendo estes os únicos três hispânicos no grupo.¹³

José Maria González Ferrando reproduz e alarga a informação fornecida por Jócano, especificando que Souza era um judeu Português de Lisboa, apesar da sua possível origem espanhola, que se mudou para Amesterdão.¹⁴ Esta afirmação é baseada no Índice de Bibliografía Portuguesa de Diogo Barbosa Machado, o qual relata, além da informação já referida, que Gabriel de Souza Brito ainda viveu até cerca de 1719 na capital Holandesa onde ensinava. Barbosa acrescenta - e não parece sequer que ele tenha pessoalmente examinado o livro de Souza - que Souza era um perito em aritmética teórica e prática, assim como nas artes cosmográfica e militar.

Esta informação foi, evidentemente, inferida a partir dos títulos dos dois trabalhos do autor (Souza) conhecidos por Barbosa, ambos escritos em Castelhano.¹⁵

O recente catálogo bibliográfico de Domingo Garcia Peres também indica que Souza era um Português, apesar de ter ido para Amesterdão “para empreender estudos comerciais”. Contudo, a fonte desta informação não é revelada.¹⁶

A bem conhecida bibliografia especializada de J. Peeters - Fontainas também inclui o livro de Gabriel de Souza Brito de 1706 sem especificar, contudo, a origem do seu autor.¹⁷ O mesmo acontece com o índice bibliográfico de Antonio Palau y Dulcet, que relata os dois trabalhos mencionados por Barbosa¹⁸.

¹² *Ibid*, p.39.

¹³ *Ibid*, p.95.

¹⁴ Joseph H. Vlaemminck, *Historia y Doutrinas de la Contabilidad*, versão espanhola revista e alargada por José M^a Gonzalez Ferrando, Madrid, 1961, p.232.

¹⁵ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*, Lisboa, 1747. O outro trabalho de Souza mencionado por Barbosa não tem nada a ver com registos contabilísticos. É intitulado *Epitome cosmografico en el qual se trata de todas las ciudades del mundo calculado por su regiones y provincias a su longetud y latitud, ...*, Amesterdão, 1706.

¹⁶ Domingo Garcia Peres, *Catálogo razonado y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, Madrid, 1980.

¹⁷ J. Peeters-Fontainas, *Bibliographie des Impressions Espagnoles des Pays-Bas, 1520-1799*, Antuérpia, 1933.

¹⁸ Antonio Palau y Dulcet, *Manual del Librero hispano-americano*, vol.XXII, Barcelona, 1970.

Mais recentemente, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira repete a informação divulgada por Diogo Barbosa e acrescenta que Souza nasceu em Lisboa em 1650 e teve que fugir para a Holanda porque estava a ser perseguido pela Inquisição, por ser Judeu. Morreu em Haia em data desconhecida. Além dos dois livros referidos por Barbosa, a enciclopédia relata um outro livro que foi publicado em português, em Haia, muito depois da morte do seu autor.¹⁹ Parece que Souza escreveu ainda um outro livro em português, mas que esse livro foi retirado pelo Tribunal da Inquisição.

Nos ciclos da história da contabilidade, o *Norte Mercantil y crisol de cuentas* provocou alguma curiosidade, de tal forma que foi procurado sem sucesso. Então, não é surpreendente que Basil Yamey deva mencioná-lo, referindo que o seu autor foi o primeiro português a escrever um livro sobre contabilidade por partidas dobradas.²⁰

O académico português Fernando V. Gonçalves da Silva, também publicou um artigo no qual dá alguma informação sobre Souza e faz alguns comentários ao facto de ser usual naquela altura os Portugueses terem conhecimentos da língua castelhana, e que isso é particularmente verdade para os Judeus, uma vez que a maior parte tinha vindo de Espanha de onde tinham emigrado após a expulsão decretada pelos reis espanhóis Isabel e Fernando. Não é surpreendente, pois, que um português judeu tenha escrito os seus livros em Castelhana e os tenha publicado na Holanda, para onde muitos dos seus conterrâneos emigraram mais tarde, depois de Portugal ter sido incorporado sobre o domínio de Filipe II.²¹

Embora nenhuma cópia do livro de Souza tenha sido encontrada apesar das meticolosas buscas efectuadas em Espanha e Portugal e também na Holanda, foi possível confirmar, no entanto, que o autor foi um professor activo, graças à estranha publicidade que ele incluiu no final do seu trabalho de cosmografia, *Epítome cosmográfico*, publicado em 1706. Desta publicidade, na qual Souza anuncia os seus serviços, sabemos que ele não só ensinou aritmética e contabilidade por partidas dobradas, mas também ofereceu os

¹⁹ Gabriel de Souza Brito, *Instrução de doutrina dos principais artigos de fé judaica con sumaria confissão deles*, Haia, 1782.

²⁰ Basil, S. Yamey, “Early Portuguese Treatises of Bookkeeping and Accounts”, *Accountancy*, Agosto, 1969.

²¹ Fernando V. Gonçalves da Silva, “Um livro espanhol de autor português” *Revista de Contabilidade e Comercio*, secção de “Curiosidades e Velharias”, vol. XXIII, pp.294-7.

seus serviços para elaborar registos contabilísticos e balanços, talvez uma prática comum a todos os professores de contabilidade na época.²²

Provocado pela curiosidade, eu também empreendi uma busca ao livro de Souza, mas também não fui abençoado pela sorte para encontrar uma cópia da sua primeira versão. Porém, tive a sorte de encontrar referências bibliográficas relativas a uma segunda edição desconhecida pelos historiadores da contabilidade. Esta referência diz respeito a uma cópia da Biblioteca da Universidade de Columbia.²³

Livro de Souza: Descrição e Análise

Esta segunda edição do livro foi preparada pelo filho de Souza, Ishac de Souza Brito, que a republicou “com grande exactidão... com permissão dos *Lords of the “Mahamad”* em Amesterdão, 1770, pelo editor Juan ten Houten. Parece que a segunda edição reproduz o texto da primeira, com o acrescento de duas dedicatórias feitas pelo filho. O que possamos dizer acerca desta segunda edição é igualmente verdadeiro para a versão original.

O título completo do livro é o seguinte: *Norte Mercantil y crisol de quantas. Dividido em tres libros. En los quales se tratan por modos muy faciles, y breves, de la Arithmetica Mercantil, y Especulativa, con todas las Reglas y Secretos de essa arte, y de los Giros de Cambios de una plaza a outra, y las Monedas corrientes que hay en Europa, y fuera de ella. Y la Declaration del Libro de Caxa y su Manual de quantas de mercadeles, obra muy provechoza tanto para la Juventud como para toda suerte de Tratantes. Recopilada, y puesta en buen estilo y orden por Gabriel de Souza Brito.*

²² Neste anúncio pode ler-se o seguinte: “ Como entre os diferentes métodos usados para elaborar o livro Razão , o autor deste trabalho, Gabriel de Souza Brito, oferece os seus serviços para ensinar este método com grande perfeição num curto espaço de tempo. Souza também se oferece para ensinar Aritmética Pratica e Especulativa, tal como descreve no seu livro, e para explicar, duma maneira fácil, as diferenças nos sistemas usados em diversos reinos e como as receitas e despesas devem ser registadas nos diferentes ramos de negócio, assim como outros comentários em matérias comerciais, etc. Assim, ele suplica a qualquer pessoa interessada em aprender estas artes para entrar em contacto com ele, uma vez que ele dá lições todos os dias, de manhã desde as 9:00 até às 11:00 e de tarde, desde as 15:00 às 17:00, e no Inverno, à tarde, desde as 16:00 às 20:00 e que se irá esforçar para agradar a toda a gente. Assim, as pessoas podem evitar ter dois professores e ele irá proporcionar-lhes bons preços de acordo com as suas capacidades. E se algum comerciante precisar de que lhe façam os seus registos contabilísticos ou ajustamentos nas suas contas ou elaborar o balanço das contas, ele encontrar-se-á sempre disponível para os servir com confiança e sinceridade.

José Maria Gonzales Ferrando chamou gentilmente a minha atenção para este anúncio.

²³ *The National Union Catalog, Pre-1956 Imprints*, vol.559, Londres,1978.

Como o título diz, o trabalho está dividido em três partes ou livros. Os primeiros dois livros têm um índice comum e paginação consecutiva. Por outro lado, o terceiro livro tem paginação separada e o seu próprio índice. Para além do título geral na página principal, cada um desses três livros têm o seu próprio título.

O título do primeiro livro refere que este contém *La Declaracion del Libro de Caxa y su Manual de Quentas de Mercaderes, y otras personas* assim como algumas questões básicas e as suas respostas, de modo a que qualquer um possa saber distinguir débito e crédito e dissipar qualquer dúvida que possa aparecer aquando do registo no Diário e da sua transposição para o Razão. É evidente que a primeira parte do título do primeiro livro reproduz exactamente o título interno dado por Bartolomé Salvador de Solórazano à parte teórica do seu tratado de 1590. O título do primeiro livro do Norte Mercantil repete que o trabalho foi “compilado, ordenado e colocado em boas condições por Gabriel de Souza Brito”, uma fórmula que também aparece nos títulos do segundo e terceiro livros. Esta nota só por si deve colocar-nos em alerta acerca da originalidade de todo o trabalho.

O autor especifica também na página do título que, para além da contabilidade, o primeiro livro “trata da ortografia Castelhana, agora corrigida, após acrescentada alguma informação e explicações acerca do assunto”.

A página do título geral do volume é seguida por uma dedicatória do filho do autor (Ishac de Souza Brito) dirigida a Joseph de Aron de Pinto e Jacob Van Jerónimo Lopes Suasso, que eram provavelmente dois membros distintos da colónia de judeus Portugueses estabelecidos em Amesterdão e, a julgar pelo conteúdo da segunda dedicatória incluída no terceiro livro, foram também importantes mercadores da cidade.

As seguintes 16 páginas contêm anúncios, enigmas e sonetos. Depois vem o título do primeiro livro, seguido por um prefácio de 4 páginas e depois um índice de 8 páginas que cobre os dois primeiros livros.

A última destas páginas inclui dois sonetos de dedicatória, um em Castelhana e outro em Holandês. Na página seguinte, começa o tratado de contabilidade. Ocupa 155 páginas divididas em 51 capítulos. Estes são seguidos por 42 páginas (perfazendo um total de 197 páginas) agrupadas em 3 capítulos sobre ensino de gramática e ortografia castelhana (como acima indicado).

Uma vez que o primeiro livro termina numa página ímpar, um “Mote” ou verso educativo está impresso no verso da página, evidenciando o horror que o vazio trazia para os autores e impressores da época.

A próxima página suporta o título do segundo livro: *“Aritmética- tudo acerca das suas mercantis e curiosas regras .”*

É estranho que a data de publicação que aparece na página do título do segundo livro seja 1769, quando a data que aparece na página principal é 1770. Isto parece fazer crer que a página principal foi imprimida no final do processo. De notar que a página do título do primeiro livro não contém qualquer data.

O reverso da página do título deste segundo livro é usada para um soneto, elogiando a importância da aritmética. A próxima página contém o prefácio do autor. É seguida pelo texto do livro, dividido em 13 capítulos ocupando 205 páginas; o número total de páginas dos primeiros dois livros é de 403. A paginação não é interrompida pela página de título do segundo livro, apesar dessa não ter numeração.

Como já foi acima referido, o terceiro livro é paginado separadamente. Consiste em 181 páginas, excluindo o índice que é específico deste livro e é fornecido no final do texto sem qualquer número de página. As primeiras 4 páginas do livro, que vêm depois da página de título e que também não estão numeradas, contêm a dedicatória supra-citada dirigida ao mesmo cavalheiro que a primeira, seguida dum prefácio dedicado ao leitor e uma página de enigmas. A página de título refere que o livro trata com: *“Casos difíceis e dignos de nota de Aritmética Especulativa. Todo o dinheiro usado dentro e fora da Europa. Como as fracções devem ser calculadas. E outra informação curiosa para entreter o leitor sábio”*. O ano de publicação mostrado nesta página de título é o mesmo que aparece na página do título geral, ou seja, 1770.

Nenhuma informação interessante sobre o autor ou sobre as suas actividades pode ser encontrada no trabalho como um todo ou nas duas dedicatórias introduzidas pelo seu filho, Ishac, ou nos sonetos.

Na primeira dedicatória, Isach de Souza Brito, refere simplesmente que o trabalho foi composto pelo “meu santo pai... cuja fama se ergue hoje das cinzas da memória com esta impressão.” Na segunda dedicatória, ele diz apenas que oferece “este tratado ao meu santo pai (de abençoada memória) como lição”. Ambas as dedicatórias são datadas “Amesterdão, Dezembro de 1769”.

Já mencionamos que a contabilidade é descrita nos primeiros 51 capítulos do primeiro livro do volume. Até o mais breve exame do texto mostra que a maior parte dos capítulos, de facto, são uma cópia da parte teórica do livro de Bartolomé Salvador de Solórzano publicada cerca de dois séculos mais cedo. Souza compôs este trabalho não apenas “quase copiando Solórzano”, como Jócana indica, mas transcrevendo literalmente o texto de Bartolomé Salvador, com apenas algumas mudanças relacionadas com as moedas correntes usadas - Souza substitui os “maravedis” ou “ducats” de Bartolomé Salvador por “florins”- e com os nomes de cidades, pessoas, etc. Assim, na passagem do segundo capítulo onde Bartolomé Salvador se refere a algumas cidades que tinham bancos públicos como Saragoça, Barcelona e Valência, Souza menciona, por outro lado, Veneza, Amesterdão, Hamburgo e Londres. Além destas modificações, Souza também altera algumas expressões ou frases, de forma a modernizá-las e a dar um toque pessoal, ou para evitar referir-se a práticas mercantis desconhecidas na sua cidade. Todas estas alterações são insignificantes no contexto do trabalho e no total não mudam mais de 150 palavras em todo o texto.

Especificamente, os capítulos do trabalho de Souza que são uma simples transcrição do livro de Bartolomé Salvador são, além do prefácio, os primeiros 28 e os últimos 5, i.e, os capítulos 1 ao 28 e o 47 ao 51, num total de 33 capítulos. Os primeiros 28 capítulos do livro de Souza correspondem aos primeiros 29 capítulos do livro de Bartolomé. Souza omite o capítulo 6 do livro de Bartolomé. Este refere-se à utilidade do Razão e do Diário, i.e, as partidas dobradas, ao manter as contas dum nobre, uma matéria obviamente sem interesse para Souza no seu século e contexto. Por outro lado, o capítulo 11 de Bartolomé, no qual são explicados e definidos os termos mercantis e de contabilidade mais usados, corresponde ao capítulo 3 de Souza, provavelmente pela boa razão que o leitor pode ficar imediatamente familiarizado com as expressões frequentemente usadas ao longo do livro. Estas são as únicas grandes alterações introduzidas. Mesmo os títulos dos capítulos são praticamente os mesmos.

Após os 29 capítulos teóricos, Bartolomé Salvador acrescenta um trigésimo capítulo no qual explica o exemplo prático que vai apresentar. Este exemplo extensivo compreende um Diário de 46 fólhos (92 páginas) e a sua transcrição para o Razão de 27 fólhos (54 páginas).

Souza não podia usar este exemplo para ilustrar a exposição dos capítulos prévios, uma vez que todas as operações mercantis se referem às transacções do tipo desenvolvido em

Sevilha durante os últimos dez anos do séc. XVI. Para adaptar o exemplo prático de Bartolomé às condições, moeda e preços de Amesterdão no início do séc. XVIII isso envolveria um enorme esforço para Souza, não menor do que aquele que teria se tivesse que desenvolver um novo modelo de transacções. Souza preferiu omitir o modelo e introduzir no seu lugar dezoito novos capítulos na forma de questões e respostas não suas, tal como veremos, mas copiadas do livro de Jacob de Metz.²⁴

No capítulo 47, Souza retorna à transcrição do livro de Bartolomé Salvador, copiando um dos 8 capítulos em que o último introduz depois do exemplo prático, chamado de capítulo de correcção de erros. Os próximos 4 capítulos, 48 ao 51, também reproduzem os capítulos de Bartolomé que são, no entanto, incorporados no mesmo título usado por este autor para os seus 8 capítulos:” Informação para as pessoas que mantêm o Razão e o Diário, para que elas possam conhecer tudo acerca destes livros” (*Las Advertências que estan despues del Libro de Caxa*).

Assim, Souza reproduz cinco dos oito capítulos incluídos por Bartolomé nas suas *Advertências*. Os três capítulos omitidos são, primeiro, dois que explicam os sistemas monetários de Flandres, França e Índias Ocidentais, assim como diversos detalhes das suas práticas de comércio que são necessárias para entender algumas operações incluídas no exemplo prático, mas que não fazem sentido se o exemplo for omitido. O outro capítulo omitido é muito interessante e diz respeito à contabilidade bancária.

Desnecessário será dizer que no livro de Souza não há qualquer vestígio de reconhecimento da sua grande dívida para com o trabalho de Bartolomé Salvador. É também pouco proveitoso procurar algum reconhecimento do trabalho de Jacob de Metz, *Sendero mercantil*, publicado em Amesterdão em 1697, apesar de Souza reproduzir grande parte do título do trabalho de Metz no seu primeiro livro (tal como faz com o título do tratado de Bartolomé Salvador). Contudo, o plágio do livro escrito por Metz é ainda mais surpreendente, quando consideramos que este livro foi publicado na cidade de Souza apenas nove anos antes do seu próprio trabalho. Embora se possa assumir que o livro de Bartolomé de 1590 pode ter sido totalmente desconhecido cento e dezasseis anos mais tarde numa comunidade tão distante do seu ponto de origem, como a comunidade judaica estava da Holanda - porém, a comunidade mercantil não era

²⁴ Uma nota sobre o livro de Metz foi apresentada por Basil S.Yamey no Premier Symposium International des Historiens de la Compatibilité, em Bruxelas, 1970. O seu artigo ‘Jacob de Metz “Sendero Mercantil”: An Unrecorded Book on Accounting, 1697’ foi publicado em *Accounting and Business Research*, Spring, 1971 e republicado nos seus *Essays on the History of Accounting*, New York, 1978.

particularmente caracterizada por comunicações pobres e fraca transmissão de informação - é inimaginável que o livro publicado por Metz não tenha sido suficientemente conhecido nos círculos mercantis de Souza. Portanto, é surpreendente Souza não reconhecer abertamente a sua dívida para com Metz. Parece que ele não estava muito preocupado com a possibilidade de alguém poder descobrir o seu plágio.

O facto é que os 18 capítulos (numerados de 29 a 46) do livro de Souza que não foram copiados do tratado de Bartolomé Salvador, são transcritos, um por um, do pequeno livro de Jacob Metz. Eles seguem a mesma ordem e têm os mesmos títulos, porém existem algumas variações pequenas. Os conteúdos dos capítulos, apresentados sob a forma de perguntas e respostas, também não introduzem nenhuma alteração importante, apesar de, em alguns casos, uma palavra ser alterada ou o âmbito de algumas respostas serem desenvolvidas especificamente. Isto ocorre, por exemplo, na 5ª questão do primeiro capítulo, no qual, quando se fala da formulação das entradas no Diário, Souza defende não ser conveniente simplificar a expressão “*debe por*” (deve para), enquanto Metz admite esta possibilidade. As outras pequenas alterações que aparecem no trabalho são da mesma natureza ou menos importantes ainda. O número total de perguntas e respostas incluídas no trabalho de Souza são as mesmas que no trabalho copiado, i.e, 240, distribuídas da mesma forma nos mesmos 18 capítulos.

Deve admitir-se que a publicação em 1706 de *Norte mercantil y crisol de cuentas* não constitui uma contribuição original para o pequeno número de trabalhos de contabilidade publicados em Espanha durante os sécs. XVI, XVII e XVIII. A curiosidade suscitada por este livro e os esforços desenvolvidos para encontrar uma cópia, não parecem estar justificados.

Não há nada neste livro que garanta o interesse dos historiadores, excepto o mero facto que foi publicado e que houve um compilador que teve cuidado de o apresentar “numa boa ordem e estilo” como meticulosamente ele repete em todas as páginas de título.

Esta aparente modéstia ou ambiguidade exibida por Souza pode ter servido, talvez, como uma válvula de escape. Acresce a isto o curioso respeito que ele demonstra pelos livros de onde recolheu a sua informação, reflectindo os títulos e subtítulos desses livros no seu próprio livro: talvez, ele quisesse estar seguro e não esconder completamente as fontes do seu trabalho.

Contudo, a afirmação de que ele é o autor do trabalho não encaixa nesta noção. Ele tem, inclusive, o descaramento de acrescentar no preâmbulo do primeiro dos seus livros, que

é copiado inteiramente de Bartolomé Salvador, a seguinte frase: “E eu ofereço o meu trabalho a quem for curioso para saber mais um pouco do assunto”. O leitor que conheça os factos, irá divertir-se com os sonetos extravagantes, como este de Giuseppe Germani Reggiano, que começa:

La mia Musa non fa facondia tale

Per di l'alte Virtù di Gabrielle;

Minerva l'inalzò fin'alle stele;

La Fama a suo favour gia stende l'Ale.

(A minha Musa não é suficientemente eloquente

Para elogiar as grandes virtudes de Gabriel

Minerva transportou-o para as estrelas

E a fama já propaga as suas asas sobre ele)

É claro, cópias não identificadas como tal não eram pouco comuns naquela altura; e, em qualquer caso, apenas discutimos a parte contabilística do livro de Gabriel de Souza Brito e não a restante parte do seu trabalho que talvez tenha alguma originalidade.

Finalmente, é estranho que em tão pequena comunidade constituída por Judeus Portugueses estabelecidos na Holanda, tenha sido sentida a necessidade de publicar dois trabalhos sobre contabilidade por partidas dobradas num curto período de dez anos (1697 a 1706). É estranho, além disso, que tenham sido escritos em Castelhana, enquanto que em Espanha virtualmente nenhum trabalho deste tipo foi publicado desde 1590.

CAPÍTULO “5 - NORTE MERCANTIL E CRISOL DE CONTAS DIVIDIDO EM TRÊS LIVROS, ...” DE GABRIEL DE SOUSA BRITO (1706)” do artigo “Os Primeiros Livros Portugueses de Contabilidade”, publicado no livro “História da Contabilidade em Portugal – Reflexões e Homenagens”, Ed. Áreas Editores, Janeiro de 2005, pp. 509-32, da autoria de Joaquim Fernando da Cunha Guimarães*.

Como referimos na Introdução deste trabalho ainda não esclarecemos a dúvida sobre se o livro “Norte Mercantil e crisol de contas dividido em três livros, nos quais se tratam por modos muitos fáceis... e a declaração do livro de caixa e seu manual de contas de Mercadores”, da autoria de Gabriel de Sousa Brito, de 1706, é um livro português, apesar do autor ser identificado como um judeu português.

Efectivamente, Noel Monteiro, a propósito do livro de Bonavie sublinha⁴²:

“É de notar que em todos – aliás poucos – os trabalhos sobre bibliografia portuguesa de contabilidade que temos visto não vem mencionado este livro, talvez por ter sido publicado na Holanda, mas é dado como primeira obra portuguesa da especialidade conhecida o livro de João Baptista Bonavie, Mercador exacto nos seus livros de contas, ou methodo facil para qualquer mercador... pelos principios das Partidas dobradas (1758).”.

Neste texto Noel Monteiro refere-se à obra em apreço de Gabriel de Sousa Brito.

De notar que Noel Monteiro já em publicação anterior⁴³, referiu-se a esse livro sublinhando que Vlaemminck supunha que Gabriel de Sousa Brito era um judeu português, natural de Lisboa, com possível ascendência espanhola, tendo emigrado para Amesterdão.

Em troca de informações com Hernâni O. Carqueja, soubemos que naquela referência Noel Monteiro deveria ter-se baseado no livro “História y Doutrinas de La

* Este texto corresponde integralmente, incluindo, portanto, os rodapés e respectiva numeração, ao publicado no livro.

⁴² NOEL MONTEIRO, Martim: *Pequena História da Contabilidade*, Ed. APOTEC, Lisboa, 1979, p.64.

⁴³ NOEL MONTEIRO, Martim: *A Contabilidade e o seu Mundo*, Ed. Portugália Editora, Lisboa, Setembro de 1965, p. 64 e 65.

Contabilidad”, de Joseph-H Vlaemminck, Doutor em Ciências Económicas Aplicadas (Universidade Lovaina), que se refere à versão espanhola, revista e ampliada por José M.^a Gonzalez Ferrando, Editorial E.J.E.S., Madrid (1961).

Da consulta a esse livro e ao livro original de Vlaemminck, sob o título “Histoire et Doutrines de la Comptabilité”, Éditions Du Treurenberg, Bruxelas, 1956, ambos cedidos por Hernâni O. Carqueja, constatámos que a referência a Gabriel de Sousa Brito apenas consta da versão espanhola do livro, pelo que é de supor que essa referência tenha sido um dos acrescentos efectuados por José M.^a Gonzalez Ferrando⁴⁴.

Por consulta ao site da Biblioteca Nacional (BN) verificámos a existência de um registo em nome de Gabriel de Sousa Brito (cota H. G. 225 P.), cujo conteúdo não se refere ao livro em causa, como foi esclarecido pelo funcionário da BN, Sr. Manuel Pereira Alves, em e-mail que nos enviou em 16 de Dezembro de 2004⁴⁵:

“A solicitação da Sra. Dra. Maria Luísa Cabral, passo a informá-lo sobre a obra que gostaria de consultar, nas suas pesquisas sobre a história da contabilidade em Portugal. A obra em questão, de Gabriel de Sousa Brito, e que se encontra na Biblioteca Nacional, parece-me que não tem rigorosamente nada a ver com o tema. Assim, transcrevo a página de rosto:

«Epitome cosmographico, en el qual se trata de todas las Ciudades del Mundo, Calculado por sus regiones, y Provincias, a su Longitud y Latitud, con las cosas mas notables de ellas, siendo un Sumario de todas las Mapas, y Atlas por la orden del Alfabeto, a de mas se describen en breve los Imperios, Monarchias, Reynos, y Provinvias del Mundo en particular (principalmente de la Monarchia Espanhola) Con un Rotero de sus Caminos el qual va dispuesto por la orden del Alfabeto, para con mayor facilidad se puedan hallar las Ciudades, Villas, y lugares, que cada uno querrá saber. Y de todas las reglas contenidas en la arte de la Geometria. Con sus figuras y otras curiosidades dignas de seren notorias, como tambien un tratado de las quatro formas de Esqudrones mas a costrumbrados en la Arte Militar, a saber, Esquadron quadrado de

⁴⁴ Esta informação foi-nos sugerida pela Dra. Delfina Rocha Gomes, investigadora de História da Contabilidade da Universidade do Minho.

⁴⁵ Agradecemos os contributos dos funcionários da BN, Sra. Maria Luísa Cabral, Maria Isabel Goulão Ferreira e Manuel Pereira Alves.

terreno, Quadrado de gente, Prolongado, y de Gran frente, con sus figuras. Recopilado e puesto en buen Estilo y Oredn por Gabriel de Souza Brito.»”(Sublinhado nosso).

Complementarmente, em e-mail de 14 de mesmo mês a funcionária da BN, D. Maria Isabel Goulão Ferreira, informou-nos o seguinte:

“Segundo informação da Área de Impressos (Reservados), esta obra é de um autor português, mas escrita em espanhol, publicada em Amsterdam: por Cornelio Hoogenhuisen, 1706. Vem referênciada na Biblioteca Lusitana de Barbosa Machado, tomo II, p. 296 (2.^a ed.).”

Tendo em conta estas informações e apesar do registo supra conter algumas coincidências relativamente ao livro “Norte Mercantil e crisol de contas dividido em três livros...”, como a data (1706) e o local de publicação (Amesterdão), podemos constatar que esse livro não existe na BN, pelo que esperamos que investigações futuras permitam esclarecer tal dúvida⁴⁶.

⁴⁶ O Dr. José Lampreia, em e-mail de 10 de Janeiro de 2005, deu-nos a seguinte informação: Quanto ao “Norte Mercantil e crisol de contas dividido em três livros...” de Gabriel de Souza Brito, a única referência sobre a existência do livro é feita por Esteban Hernandez Esteve na Accounting and Business Research n.º 60 de Autumm 1985. “However i had the luck to come across a bibliographical reference to a second edition that was not know to accounting historians. This reference was to a copy in Columbia University Library”. Esta indicação foi-nos dada há bastante tempo pelo Prof. Esteban Hernandez Esteve.”.

Os Primeiros Livros Portugueses de Contabilidade (Século XVIII)

Título	Autor	Local - Ano	Referências*	M/ Biblioteca	
				Livro n.º	Obs.
Mercador exacto nos seus livros de contas, ou methodo fácil para qualquer mercador, e outros arrumarem as suas contas com a clareza necessária, com seu Diário, pelos princípios das Partidas dobradas, segundo a determinação de Sua Majestade, etc. – Parte I	João Baptista Bonavie	Lisboa – 1758 (1.ª edição, de que só foi publicada a I parte). A 2.ª e 3.ª edições são de 1771 e 1779, respectivamente.	1-2	2047	a)
Tratado sobre as partidas dobradas	Anónimo	Turim – 1764 (2.ª edição de 1792 em dois volumes)	1-2-3	1993	b) c)
Arte de Escritura Dobrada para Instrução de José Feliz Venâncio Coutinho	João Henriques de Sousa	1765	2	-	-
Guia de Comerciantes e de guarda-livros ou novo tratado sobre os livros de contas em partidas dobradas – Composto em língua francesa por Mr. De La Porte	Traduzido por José Joaquim da Silva Perez	Lisboa – 1794, Tipografia Regia	3	1602	d)
Ilustrações preliminares sobre o balanço geral no negócio com as formalidades dos livros auxiliares, e gerais	José Gonçalves Ramiro	Lisboa – 1800 e 1803 (1.ª e 2.ª edições)	-	-	-

* **Legenda das “referências”:**

- 1 – “Estudos sobre Escripuração Mercantil por Partidas Dobradas”, de José Maria d’ Almeida Outeiro, Ed. Typografia Lusitana, Porto, 1869, pp. 22-3.
- 2 – “Digressão através do Vetusto Mundo da Contabilidade”, de Jaime Lopes Amorim (1968)
- 3 – “Elementos para a História da Contabilidade”, de Arnaldo Nunes, Revista de Contabilidade e Comércio n.º 4, de Outubro a Dezembro de 1933, pp. 279-282.

Obs.:

- a) Possuo o livro (2.ª Edição de 1771). Investiguei a existência de três e não duas edições como descrevo:

Edição	Ano	Localidade	Oficina
1.ª	1758	Lisboa	Miguel Manescal da Costa
2.ª	1771	Porto	António Alvares Ribeiro Guimaraens
3.ª	1779	Lisboa	Regia Officina Typographica

- b) Possuo original do livro (1.ª edição de 1764). Por consulta ao site: www.worldcatlibraries.org, constatei que o livro foi editado em Londres (Scholar Press) e Tokyo (Yushodo Press, 1980). Além disso, no mesmo endereço consta a referência de “autor de grande crédito” não referindo o seu nome pelo que nesta referência o anonimato mantém-se. No entanto, o Jornal de Contabilidade da APOTEC n.º 39, de Junho de 1980, p. 138, em artigo sob o título “Recordando Raúl Dória”, de autor não identificado, sublinha que Vlaemminck diz supor-se ser um religioso com o apelido de Carvalho.
- c) Hernâni O. Carqueja cedeu-me fotocópias do 2.º volume do livro da edição de 1792 sob o título “Dicionário Universal das Moedas Assim Metallicas, como fictícias, imaginárias ou de conta, e das de fructos, conchas & C. que se conheceu na Europa, Asia, Africa e America”, Imp. Off. de Simão Thaddeo Ferreira (a primeira parte corresponderá à 1.ª edição e também foi reimpressa em 1792).
- d) Possuo o livro em fotocópias.

Fonte: Elaboração própria

Comentários de EHE	Nossos Comentários
<p>1. <u>Não há original do livro mas cópia da 2.ª Edição</u></p> <ul style="list-style-type: none"> – “Apesar de alguns índices biográficos mencionarem o livro e alguns historiadores de contabilidade se referirem a ele no seu trabalho, não parece que alguns desses autores tenha tido acesso a uma cópia do livro.”. – “Embora nenhuma cópia do livro de Souza tenha sido encontrada apesar das meticulosas buscas efectuadas em Espanha e Portugal e também na Holanda ...”. – “Provocado pela curiosidade, eu também empreendi uma busca ao livro de Souza, mas também não fui abençoado pela sorte para encontrar uma cópia da sua primeira versão. Porém, tive a sorte de encontrar referências bibliográficas relativas a uma segunda edição desconhecida pelos historiadores de contabilidade. Esta referência diz respeito a uma cópia da Biblioteca da Universidade de Columbia”. – “Barbosa acrescenta - e não parece sequer que ele tenha examinado o livro de Souza - que Souza era um perito em aritmética teórica e prática, assim como nas artes cosmográfica e militar.”. – “Esta segunda edição do livro foi preparada pelo filho de Souza, Ishac de Souza Brito, que a republicou “com grande exactidão... com permissão dos “<i>Lords of the “Mahamad”</i>” em Amesterdão, 1770, pelo editor Juan ten Houten. Parece que a segunda edição reproduz o texto da primeira, com o acrescento de duas dedicatórias feitas pelo seu filho. O que possamos dizer acerca desta segunda edição é igualmente verdadeiro para a versão original.”. 	<p>Estas cinco frases são elucidativas sobre a não constatação (até à data) de qualquer exemplar da primeira edição do livro.</p> <p>A informação de EHE baseia-se em pesquisa nos três países de referência a Gabriel de Souza Brito (Portugal, Espanha e Holanda) e o seu artigo.</p> <p>Refira-se, ainda que o artigo de EHE, incide sobre uma cópia de uma segunda edição existente na Biblioteca da Universidade de Columbia.</p>
<p>2. <u>Perfil de Gabriel Souza Brito</u></p> <ul style="list-style-type: none"> – “José Maria Gonzaléz Ferrando reproduz e alarga a informação fornecida por Jócano, especificando que Souza era <u>um judeu Português de Lisboa, apesar da sua possível origem espanhola, que se mudou para Amesterdão</u>. Esta informação é baseada no Índice da Bibliografia Portuguesa de Diogo Barbosa Machado, o qual relata, além da informação já referida, que Gabriel de Souza Brito ainda viveu até cerca de 1719 na capital Holandesa onde ensinava. (Diogo Barbosa Machado, <i>Bibliotheca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica</i>, Lisboa, 1747. O outro trabalho de Souza mencionado por Barbosa não tem nada a ver com registos 	<p>A frase sublinhada reforça o triângulo da naturalidade (Portugal), descendência (Espanha) e profissional (Holanda) de Gabriel de Souza Brito.</p> <p>De notar que o índice Bibliográfico de Diogo Barbosa Machado também foi referido por nós no referido capítulo 5 do artigo publicado no nosso livro “História da Contabilidade em Portugal – Reflexões e Homenagens”, ob. cit. pp. 529-30, cujo texto consta do anexo n.º 1 deste artigo a partir da frase “ por consulta ao site da Biblioteca Nacional (BN) verificámos a existência de um registo em nome de Gabriel de Sousa Brito (cota H. G. 225 P.), cujo conteúdo não se refere ao livro em causa, como foi</p>

<p>contabilísticos. É intitulado <i>Epitome cosmografico en el qual se trata de todas las ciudades del mundo calculado por su regiones y provincias a su longetud y latitud, ...</i>, Amesterdão, 1706.”;</p> <p>– “Mais recentemente, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira repete a informação divulgada por Diogo Barbosa e acrescenta que <u>Souza nasceu em Lisboa em 1650</u> e teve que refugiar-se na Holanda porque estava a ser perseguido pela Inquisição, por ser Judeu. <u>Morreu em Haia em data desconhecida</u>. Além dos dois livros referidos por Barbosa, a enciclopédia relata <u>um outro livro que foi publicado em português</u>, em Haia, muito depois da morte do seu autor (Gabriel de Souza Brito, <i>Instrução de doutrina dos principais artigos de fé judaica com sumaria confissão deles</i>, Haia, 1782).</p> <p>– Parece que Souza <u>escreveu ainda um outro livro em português</u>, mas que esse livro foi retirado pelo Tribunal da Inquisição.”.</p> <p>– “O académico português Fernando V. Gonçalves da Silva, também publicou um artigo no qual dá alguma informação sobre Souza e faz alguns comentários ao facto de ser usual naquela altura os portugueses terem conhecimentos da língua castelhana, e que isso é particularmente verdade para os judeus, uma vez que a maior parte tinha vindo de Espanha para onde tinham emigrado após a expulsão decretada pelos reis espanhóis Isabel e Fernando. <u>Não é surpreendente, pois, que um português judeu tenha escrito os seus livros em Castelhana e na Holanda</u>, para onde muitos dos seus companheiros emigraram mais tarde, depois de Portugal ter sido incorporado sobre o domínio de Filipe II.”.</p>	<p>esclarecido pelo funcionário da BN, Sr. Manuel Pereira Alves, em e-mail que nos enviou em 16 de Dezembro de 2004.</p> <p>O segundo e-mail transcrito, faz referência a um texto inserido na Biblioteca Lusitana de Barbosa de Melo, Tomo II, p. 296 (2.ª Edição) com o seguinte teor “...esta obra é de um autor português, mas escrito em espanhol, publicado em Amesterdão por Cornelio Hoogenvisen, 1976”.</p> <p>Relativamente ao artigo de EHE acrescenta-se a referência ao editor.</p> <p>Refira-se, ainda, que no nosso artigo incluímos duas referências a Martim Noel Monteiro, não citadas por EHE e ao livro de Gabriel Souza Brito (ver APÊNDICE N.º 2 deste artigo). As referências a Fernando Vieira Gonçalves da Silva, de acordo com o rodapé n.º 21 “Fernando V. Gonçalves da Silva “Um livro espanhol de autor português” <i>Revista de Contabilidade e Comercio</i>, secção de “curiosidades e velharias”, vol. XXIII, pp.294-7” transcreveu do artigo de EHE, também foi incluído no seu livro “Curiosidades, Velharias e Miudezas Contabilísticas”, Editorial Império, Lda, Lisboa, 1970.</p> <p>EHE, elenca, assim mais três livros em português escritos por Gabriel de Souza Brito:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Gabriel de Souza Brito, <i>Instrução de doutrina dos principais artigos de fé judaica com sumaria confissão deles</i>, Haia, 1782; – Diogo Barbosa Machado, <i>Bibliotheca Lusitana Histórica, Critica e Cronológica</i>, Lisboa, 1747. O outro trabalho de Souza mencionado por Barbosa não tem nada a ver com registos contabilísticos. É intitulado <i>Epitome cosmográfico en el qual se trata de todas las ciudades del mundo calculado por su regiones y provincias a su longetud y latitud, ...</i>, Amesterdão, 1706; – Não identificado. Resulta da frase de EHE “Parece que Souza escreveu ainda um outro livro em português, mas que esse livro foi retirado pelo Tribunal da Inquisição”. <p>Assim, enquanto que o livro “Norte Mercantil y Crisol de Cuentas”, foi redigido em espanhol, os outros três referidos foram em português. Será que escreveu em holandês?</p>
--	---